QUEM QUER SER UM DIPLOMATA?



Fundação Estudar

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 1

Introdução à carreira diplomática 2

Quem pode ser um diplomata? 5

Quais as possibilidades de atuação para quem entra na carreira diplomática 7

Existe um curso mais indicado para quem deseja ser diplomata? 10

As fases do Concurso de Admissão à Carreira Diplomática 12

Como estudar para o CACD? 15

O que se estuda no Instituto Rio Branco? 18

Quais são os desafios do início da carreira? 20

Como é o dia a dia de um diplomata? 23

Voltar para o índice

INTRODUÇÃO

Você já imaginou como é trabalhar na diplomacia brasileira, ou pensou em seguir carreira nessa área?

A carreira no Itamaraty, órgão governamental conhecido também como o Ministério das Relações Exteriores, atrai milhares de brasileiros todos os anos. Em um só exame do Instituto Rio Branco, que seleciona brasileiros para o cargo de diplomata, por exemplo, há uma média de 5 mil candidatos.

Os números lembram a concorrência dos programas de trainee mais tradicionais, porém existe muita coisa específica nessa carreira, do próprio processo seletivo à atuação nos primeiros anos. Mesmo no mundo dos cargos públicos, a função do diplomata é repleta de particularidades.

Ao mesmo tempo, sua razão de ser - a condução das relações internacionais entre o Brasil e as outras nações - é um dos pilares do modelo de sociedade que buscamos construir: conectada, capaz de colaborar e cooperar para manter a paz e promover avanços nas mais diversas áreas, da economia aos direitos humanos.

O objetivo deste material, produzido a partir de uma parceria entre o NaPrática.org, o EstudarFora.org e o Clipping CACD, é trazer luz sobre essa trilha de carreira repleta de mitos e, ao mesmo tempo, essencial para o desenvolvimento do Brasil.

Fomos das características do exame ao dia a dia de um diplomata, conversando com professores e jovens profissionais para explicar as coisas mais importantes que você precisa saber sobre a carreira diplomática, da preparação para a prova à rotina de quem seguiu a profissão.

Boa leitura!

NA PRÁTICA .ORG ESTUDARFORA .ORG Clipping CACD

SOBRE O NAPRÁTICA.ORG

Portal de carreira com conteúdo digital gratuito, é o braço direito do jovem brasileiro universitário e recém-formado em todas as suas decisões profissionais.

SOBRE O ESTUDARFORA.ORG

Maior portal do Brasil sobre estudos no exterior, do intercâmbio à pós-graduação, e que busca democratizar o acesso às melhores universidades do mundo.

SOBRE O CLIPPING CACD Maior comunidade de estudos para o concurso público de diplomata, que oferece diversos recursos preparatórios para quem quer ser admitido nessa carreira.

→ No site **estudarfora.org.br/especiais** você tem acesso a guias exclusivos e gratuitos.



INTRODUÇÃO À CARREIRA DIPLOMÁTICA

Brasileiros com mais de 18 anos e graduação em qualquer área podem se candidatar. Conheça detalhes sobre a carreira e o exame de admissão.

A diplomacia é uma longa tradição em terras brasileiras. Por aqui, ganhou força em terras brasileiras no século XIX, e teve como patrono o Barão de Rio Branco, que hoje dá nome ao teste de admissão. Nomes conhecidos da literatura, como o maranhense Aluísio Azevedo, famoso por livros como “O Cortiço”, e o pernambucano João Cabral de Melo Neto, autor de “Morte e Vida Severina” – e até mesmo o poeta Vinicius de Moraes – prestaram serviços ao Itamaraty no passado.

Diplomatas brasileiros também tiveram papel de destaque em vários momentos históricos. Um dos exemplos de tal relevância foi o gaúcho Osvaldo Euclides de Souza Aranha, que presidiu a Primeira Sessão Especial da Organização das Nações Unidas em 1947, além de ter comandado o Itamaraty na Era Vargas. Hoje, a diplomacia brasileira é considerada relevante (e atuante) em diversas frentes internacionais, da não proliferação de armas nucleares ao combate à pobreza.

Mas, no fim das contas, o que faz com que tanta gente tenha interesse pelo posto e deseje ser um diplomata? E quem pode se candidatar ao cargo, que manteve sua importância ao longo da história? Confira os principais requisitos para quem sonha em trabalhar para o Itamaraty.

Afinal, o que faz um diplomata?

Ainda que os feitos históricos devam ser mencionados, muito do trabalho do diplomata pode ter a ver com funções mais burocráticas e reuniões. Na prática, o profissional exerce a função de representar o Brasil perante outros países, além de fortalecer os laços com órgãos governamentais e outros parceiros.

“Na prática, o profissional exerce a função de representar o Brasil perante outros países, além de fortalecer os laços com órgãos governamentais e outros parceiros.”

Outra parte importante das atividades tem a ver com a assistência aos brasileiros que moram no local. Em outras palavras, um diplomata pode ajudar a promover o comércio exterior brasileiro e divulgar a cultura brasileira em outro país.

Também pode ajudar na organização das eleições para a comunidade brasileira no exterior, ou mesmo desempenhar papéis administrativos no Itamaraty, em Brasília. Todas essas atividades entram no rol do que é possível fazer sendo diplomata.

Qual o perfil ideal de um diplomata?

Muito além de uma formação nesta ou naquela área, o diplomata precisa, antes de tudo, estar disposto a encarar os desafios que a carreira impõe. Se mudar de país a cada período de dois a três anos não faz parte dos planos, talvez não seja a opção ideal. Outro ponto importante é necessidade de estudar vários idiomas, para desempenhar bem a função de representar o Brasil em um país com língua e cultura diferentes.

“Ao longo de sua carreira, o diplomata tende a trabalhar em áreas diversas, junto a diferentes países, em situações de pressão, valendo-se de idiomas diferentes”, explica Tanguy Cunha Baghdadi, que coordena a área pedagógica do Clio, preparatório para carreira diplomática do Damásio Educacional. Por isso, é necessário ter em mente que essas serão as exigências da trajetória profissional de um diplomata e se preparar para elas.

Quais são os pré-requisitos?

Logo de cara, não há formação específica exigida, como um curso de graduação em Relações Internacionais ou Direito. Como lista o Instituto Rio Branco, é necessário ser brasileiro, ter mais de 18 anos e estar em dia com obrigações eleitorais. No caso dos homens que se candidatam à carreira, outro ponto é o serviço militar, que deve estar em dia.

Como não há requisito ou formação específica, basta possuir diploma de uma graduação reconhecida pelo MEC, o Ministério da Educação. Como o desempenho do candidato depende exclusivamente da prova, também não há avaliação do currículo ou exigência de experiência prévia na área.

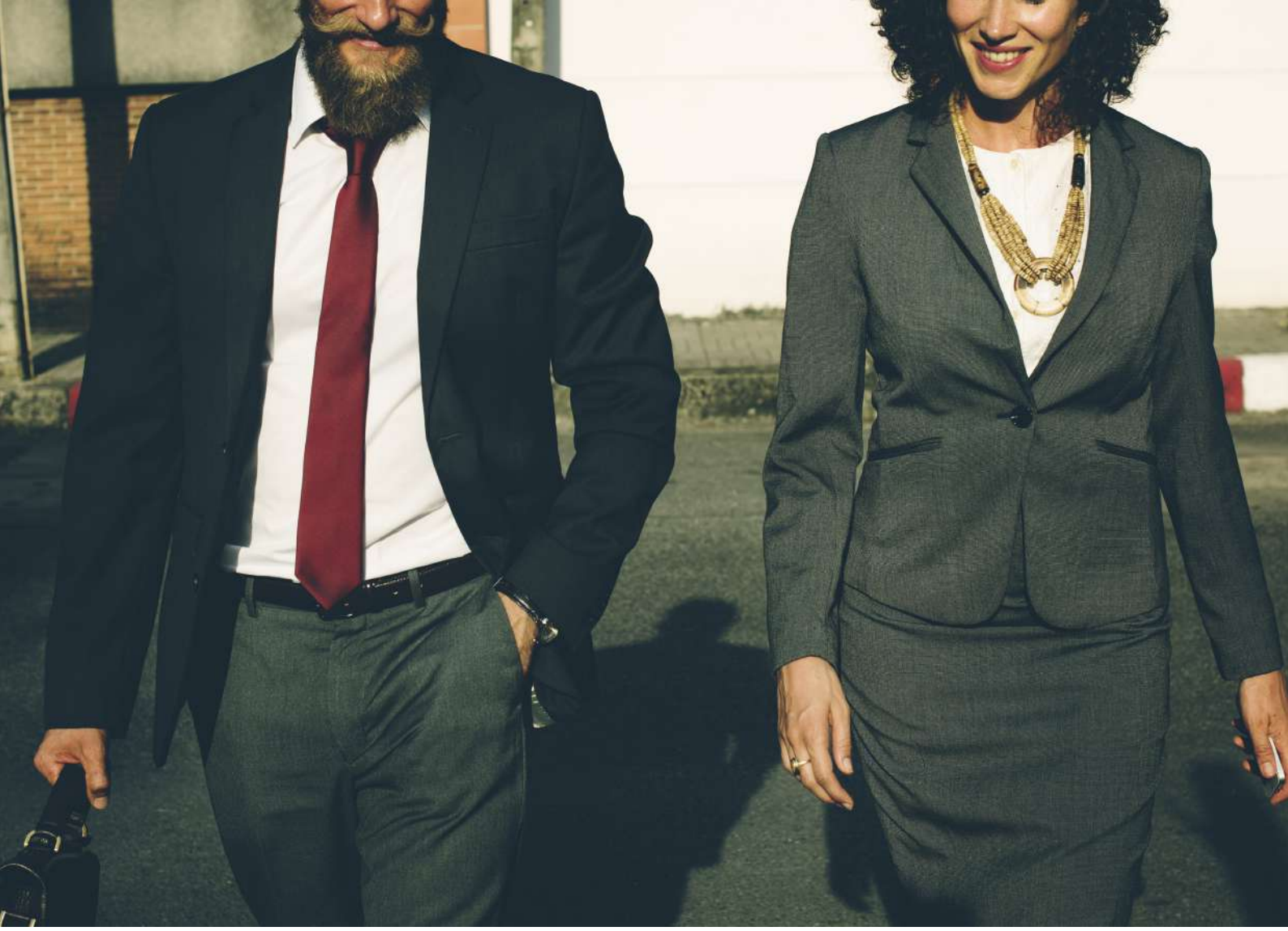
O que devo esperar da prova?

São três fases distintas e uma longa lista de matérias abordadas nos testes. A primeira parte é uma prova objetiva, que contempla temas como Língua Portuguesa, História Mundial, noções de Economia e de Direito, além de exigir domínio do inglês. Já na segunda fase, é a vez de se debruçar sobre textos em inglês e fazer resumos, traduções a partir do português e versões em português para textos de língua inglesa.

Há ainda redações e comentários em Língua Portuguesa, que identificam a capacidade de análise do candidato.

Já a última fase abrange temas como História do Brasil, Política Internacional, noções de Economia -- só que, dessa vez, em formato dissertativo. Entram também questões em espanhol e francês, sempre em caráter eliminatório e classificatório.

Para conquistar a aprovação na prova, muitos brasileiros dedicam-se aos estudos em tempo integral e fazem o exame, que ocorre anualmente desde 1946, mais de uma vez.



QUEM PODE SER UM DIPLOMATA?

CACD: a porta de entrada para a carreira diplomática. Entenda se você pode fazer o concurso.

Existem atualmente cerca de 1500 diplomatas defendendo os interesses do Brasil no exterior. Todos eles têm uma coisa em comum: a aprovação no Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata (CACD). Realizado anualmente pelo Instituto Rio Branco, o CACD é considerado o concurso público mais concorrido do Brasil. A cada ano, entre 5 e 7 mil candidatos disputam as cerca de 30 vagas que dão acesso ao cargo de Terceiro Secretário (cujo salário inicial é de R$16.935,40).

Existem alguns requisitos exigidos pelo Edital para tornar-se um diplomata:

1) Ser brasileiro nato
São excluídos os estrangeiros e os brasileiros naturalizados. Vale lembrar, no entanto, que não não há quaisquer impedimentos à participação daqueles que possuam dupla nacionalidade.

2) Apresentar diploma de conclusão de curso de graduação de nível superior
O Edital para o CACD claramente exige apenas um diploma, devidamente registrado, de conclusão de curso de graduação de nível superior. O candidato também poderá apresentar um diploma de graduação em instituição estrangeira, desde que apresente, até a data da posse, a revalidação do diploma exigida pelo MEC.

Os Editais não dispõem expressamente sobre a questão dos Cursos Superiores de Tecnologia (formação de tecnólogo). Sobre essa questão, o site do Instituto Rio Branco, instituição responsável pela elaboração do CACD, limita-se a dizer que: "o candidato deve estar atento ao que especifica o edital do concurso e ver se seu diploma se enquadra nos requisitos ali descritos. O candidato poderá também consultar a área do Ministério da Educação responsável por essa avaliação". De forma bem sutil, o que o Itamaraty faz sobre essa questão é "passar a bola para o MEC", que, por sua vez, estabelece na Resolução CNE/CP nº 3, que a formação de tecnólogo é, sim, uma formação superior, para todos efeitos.

É importante destacar que não há uma graduação específica exigida, de modo que não existe um curso que seja melhor do que outro para fins de preparação. No entanto, análises e estudos do próprio Instituto Rio Branco revelam uma predileção dos diplomatas por cursos da área de Ciências Sociais Aplicadas. Os cursos de Direito, Relações Internacionais, Jornalismo e Economia representam juntos mais de 50% das escolhas acadêmicas dos diplomatas, mas essa tendência tem se atenuado, e a formação acadêmica dos diplomatas brasileiros é cada vez mais diversificada.

3) Ter a idade mínima de 18 anos
De fato, existe uma idade mínima de 18 anos no momento da posse, mas não há idade máxima para ingresso na carreira de diplomata.

Vale lembrar porém que deve ser respeitado o limite constitucional para permanência no serviço público que é, hoje, de 70 anos de idade. Também é válido destacar que embora não haja uma idade limite para a entrada no Itamaraty, essa idade existe para fins de promoção na carreira, ou seja, após uma certa idade, o diplomata não conseguirá avançar na progressão funcional.

4) Apresentar aptidão física e mental para o exercício das atribuições do cargo
A "aptidão física e mental", será comprovada por meio de exames pré-admissionais realizados em Brasília, após a divulgação do resultado preliminar do concurso. Os aprovados devem dirigir-se até Brasília portando não apenas os documentos exigidos pelo Edital, mas também uma série de exames laboratoriais.

5) Estar no gozo dos direitos políticos
Isso significa basicamente estar em dia com as obrigações do Serviço Militar e da Justiça Eleitoral. Esse é um requisito de praxe para a posse em qualquer cargo público no Brasil.

6) Ter sido aprovado no CACD
Essa é a parte difícil. Diz-se que o Itamaraty só tem uma porta de entrada e ela se chama CACD. No capítulo 5 desmistificamos todos aspectos do Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata.



QUAIS AS POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO PARA QUEM ENTRA NA CARREIRA DIPLOMÁTICA

Representar o país junto às Nações Unidas ou se dedicar a serviços consulares são atividades possíveis para quem ingressa na carreira.

Os feitos históricos de diplomatas brasileiros exemplificam alguns dos papéis que um diplomata pode assumir. A imagem que vem à mente de muitas pessoas tem a ver com reuniões formais em organizações supranacionais como as Nações Unidas, ou mega reuniões tratando de comércio e parcerias entre um país e outro. Acontece que o trabalho diplomático, ainda que contemple tais atividades, não se limita a elas.

"As grandes linhas da carreira diplomática são a consular e a diplomática propriamente dita", resume o brasileiro Gustavo Westmann, que hoje serve na Embaixada do Brasil na Indonésia e também passou pela Embaixada em Roma, na Itália (foto em destaque). *"A primeira delas tem foco nos cidadãos, e a segunda, nos interesses nacionais"*, pontua ele, que é diplomata há dez anos.

Em outras palavras, é possível moldar a carreira a uma infinidade de atividades, já que a trajetória dos diplomatas é tão versátil.

Ainda assim, vale ressaltar que o "glamour" comumente associado à carreira pode não corresponder à realidade, como destaca Gustavo. *"É interessante desmistificar um pouco o imaginário de grandes negócios, festas glamourosas e coquetéis*", explica ele. Para além de grandes missões e grandes decisões ao representar o país, o diplomata tem de cuidar de muita papelada, comandar setores específicos na embaixada, o que nem sempre atendendo a tal estereótipo.

Por outro lado, a mudança de país a país e de níveis dentro da carreira permite que os profissionais atuem em mais de um campo. Mas não há, a princípio, um departamento específico de Recursos Humanos que indique o caminho mais certeiro para cada profissional. *"Entretanto, a oportunidade de mudar recorrentemente de área também evita a monotonia"*, ressalta Gustavo.

Atividades na linha consular

Vale lembrar que, antes de falar dessas atividades, é necessário entender onde elas acontecem. O ambiente de trabalho de um diplomata pode ser uma embaixada ou consulado em país estrangeiro, ou mesmo um cargo no Palácio Itamaraty, prédio projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e que abriga o Ministério das Relações Exteriores.

Quando se fala em linha consular, o ambiente mais comum é, claro, o dos consulados. Nesses cargos, o profissional cuida de assuntos que tem a ver com os cidadãos brasileiros no exterior, trabalhando de forma mais direta com essa comunidade. Por exemplo, um diplomata pode trabalhar com a emissão de vistos, ou mesmo visitar brasileiros que tenham sido presos no exterior, por algum crime cometido em terras estrangeiras.

Como explica Gustavo, que se formou em Direito e em Relações Internacionais, essa rotina de trabalho envolve muita papelada. *"Leia-se: mexer com folhas de pagamentos e burocracias licitatórias"*, exemplifica ele, que também fez mestrado na Universidade da Califórnia em Berkeley, nos Estados Unidos e na Libera Università Internazionale degli Studi Sociali, em Roma.

Se, por um lado, essas atividades se distanciam do imaginário popular ligado à diplomacia, por outro auxiliam de perto as comunidades brasileiras no exterior.

"As grandes linhas da carreira diplomática são a consular e a diplomática propriamente dita. A primeira delas tem foco nos cidadãos, e a segunda, nos interesses nacionais."

Atividades na linha diplomática

Nesse caso, são as atividades que têm mais a ver com o imaginário popular sobre o que é ser diplomata. Isso é, tratar de acordos bilaterais, transmitir ao governo brasileiro as informações de interesse no país estrangeiro, atuar junto a órgãos como as Nações Unidas. *"Uma pessoa recém ingressada na carreira diplomática pode desempenhar funções que vão desde temas comerciais, ou agricultura, até direitos humanos"*, cita Gustavo.

É uma oportunidade de se envolver em processos decisórios e negociações complexas, que envolvem os interesses brasileiros em nações específicas. O profissional pode, ainda, representar o Brasil em áreas específicas, como, por exemplo, a cooperação para o combate à fome.

Como o brasileiro destaca, essas são algumas das atividades que tornam a carreira tão atrativa.

"Conseguir negociar acordos internacionais, participar de grandes conferências, conhecer autoridades e participar da tomada de decisões", lista ele.

Atividades do trabalho no Itamaraty

Um país da importância do Brasil, com relações diplomáticas com todos os 192 países membros da ONU, também precisa garantir um quadro de diplomatas por aqui. Muitos diplomatas desempenham suas funções em Brasília, cuidando de questões administrativas e mantendo o contato com delegações estrangeiras que vêm ao Brasil.



EXISTE UM CURSO MAIS INDICADO PARA QUEM DESEJA SER DIPLOMATA?

Candidatos podem ter qualquer formação acadêmica e encaram prova que contempla temas da Economia à Língua Espanhola.

Não existe graduação em diplomacia, ou uma formação específica que precise estar no currículo para quem deseja ingressar na carreira diplomática. O Instituto Rio Branco, responsável pela prova de admissão, exige apenas o diploma em um curso aprovado pelo Ministério da Educação.

Na prática, isso significa que tanto um sujeito formado em Medicina quanto um graduado em Relações Internacionais podem encarar o exame.

"Tradicionalmente, as formações mais representadas entre os aprovados são Direito, Comunicação Social e História, muito pelo fato de que há uma quantidade relativamente grande de pessoas destas áreas que prestam o concurso", aponta Tanguy Cunha Baghdadi, professor de Política Internacional e coordenador pedagógico do Curso Clio, preparatório para a carreira. *"Atualmente, os formados em Relações Internacionais são maioria, pelo mesmo motivo"*, completa.

Como o ingresso na carreira depende exclusivamente da prova de admissão, não há uma análise de currículo que privilegie esta ou aquela formação acadêmica.

O caminho mais certo é, portanto, se debruçar sobre o teste, famoso pela longa lista de matérias exigidas e áreas contempladas, que vão dos conhecimentos em língua espanhola a noções de Economia. *"A aprovação na carreira diplomática não privilegia um perfil específico, mas premia o foco na preparação"*, destaca Tanguy, que se formou em Relações Internacionais.

> **"A aprovação na carreira diplomática não privilegia um perfil específico, mas premia o foco na preparação."**

Para conseguir a aprovação, muitos candidatos recorrem a cursos preparatórios ou chegam a se dedicar integralmente aos estudos para o teste. Não raro, os candidatos precisam de mais de uma tentativa para conquistar a aprovação no Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata, que acontece anualmente desde 1946.

"Disciplina, organização e conhecimento da prova são traços comuns de todos aqueles que são aprovados, e devem ser somados à dedicação", sintetiza o professor.

Ainda que um candidato graduado em Economia, por exemplo, possa ter mais base inicial para alguns aspectos da prova, profissionais com diferentes formações conseguem se sair bem. "*A vantagem daqueles que são de áreas afins ao concurso tende a se dissipar depois de alguns meses de estudos*", afirma o professor, que trabalha no curso Clio desde 2007.

Outro ponto importante tem a ver com a experiência profissional. Como não há análise do currículo como parte da seleção, o candidato não precisa ter trabalhado em áreas afins. É possível ser aprovado mesmo sem experiências profissionais no CV, ou ainda com uma longa lista de cargos anteriores em um campo de atuação diferente.

E a pós-graduação, conta pontos?

Assim como a graduação, a pós não serve como requisito nem tem caráter classificatório na seleção dos diplomatas. Por isso, não há pontos extras para quem fez mestrado ou doutorado no Brasil ou em países estrangeiros.

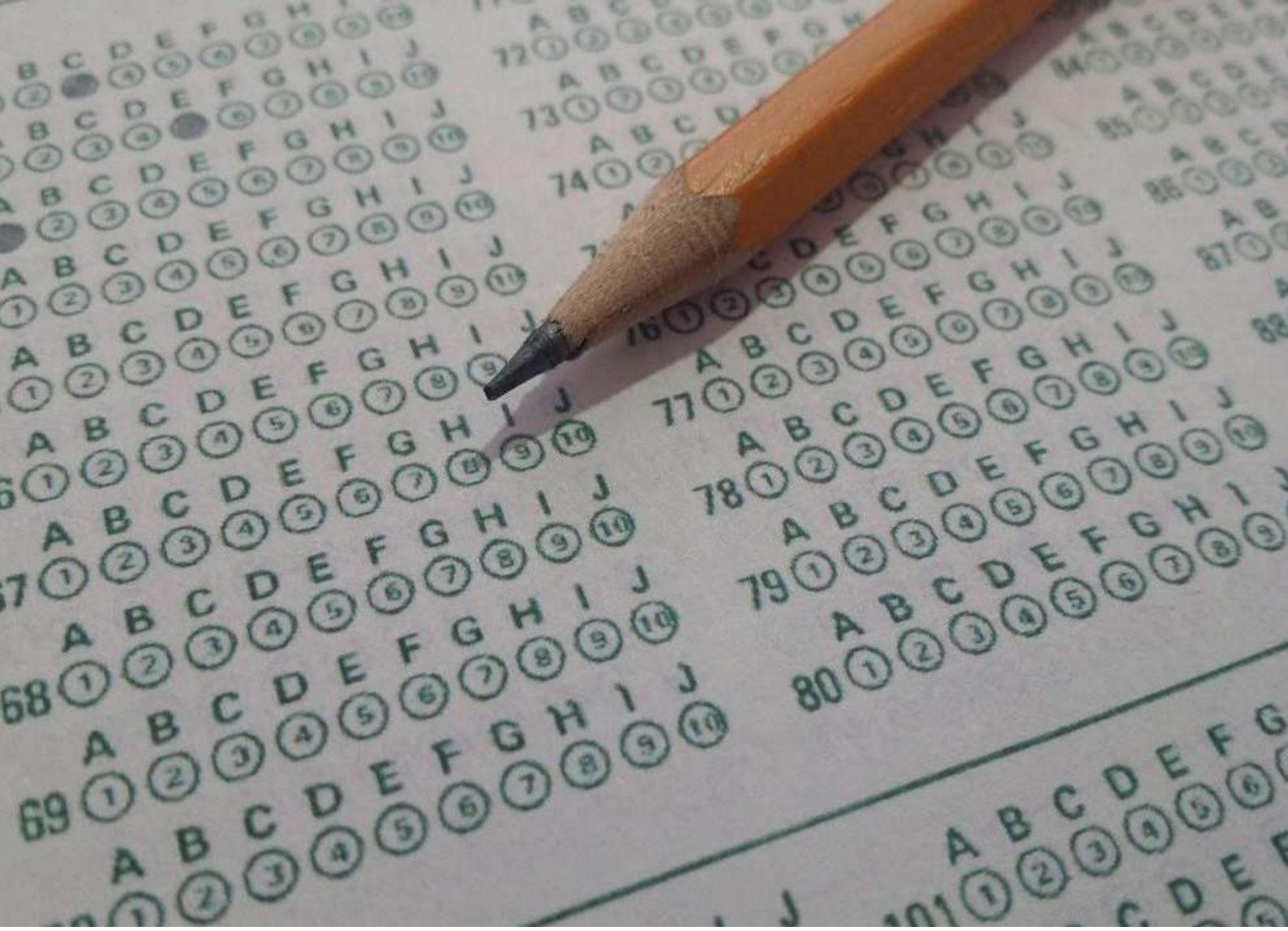
No entanto, a formação complementar no Brasil ou no exterior continua servindo como bagagem extra para quem deseja seguir a carreira.

Experiências fora também ajudam na hora da prova de idiomas. "*A experiência no exterior pode contar na preparação do candidato em disciplinas como inglês, francês ou espanhol, dependendo do país de destino*", comenta Tanguy.

Os impactos positivos da experiência no exterior não se restringem, entretanto, à prática de um idioma estrangeiro. "*Experiências no exterior nos ajudam a conhecer e respeitar novas culturas e a ver o Brasil com novos olhos*", destaca o diplomata brasileiro Gustavo Westmann, que trabalha na Embaixada brasileira na Indonésia e já foi citado no capítulo anterior deste material.

Como mencionamos, ele se formou no Brasil, em Relações Internacionais e Direito, e fez mestrado na Universidade da Califórnia em Berkeley, nos Estados Unidos, e na Libera Università Internazionale degli Studi Sociali, em Roma, na Itália.

"*No mundo cada vez mais global em que vivemos, quanto mais tivermos a possibilidade de nos expor ao mundo exterior, conhecer novas pessoas e culturas, inclusive em universidades estrangeiras, maiores as chances de sucesso*", opina ele.



AS FASES DO CONCURSO DE ADMISSÃO À CARREIRA DIPLOMÁTICA

Como é o CACD? Detalhes sobre o processo seletivo para diplomacia.

O CACD é realizado anualmente. E ano após ano, muito pouco muda na forma e no conteúdo cobrado pela banca. De forma geral, a estrutura da prova apresenta uma estabilidade que permite aos candidatos à carreira de diplomata investirem em uma preparação contínua, de longo prazo e sem muitas surpresas de um ano para o outro.

O CACD é o concurso público mais estável tanto em termos de periodicidade com que é realizado (todo ano há concurso) quanto em termos de conteúdo (a variação do conteúdo cobrado no Edital é pontual).

Em entrevista ao Blog do Clipping CACD, plataforma online de estudos para o concurso da diplomacia, o Embaixador José Estanislau, atual Diretor-Geral do Instituto Rio Branco, lembrou que há mudanças no concurso, mas se examinarmos sua evolução nos últimos 30, 40 anos, os elementos de permanência são muito mais importantes do que os de mudança.

Segundo o Embaixador, o CACD sempre coloca ênfase em Línguas Estrangeiras, Português, História, Geografia e, em menor grau, Economia e Direito, já que essas disciplinas são as ferramentas essenciais com que um diplomata deve contar.

De alguns anos para cá, a organização encarregada de elaborar as provas do concurso, em coordenação com o Instituto Rio Branco, é o Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos, mais conhecido como CESPE.

Atualmente, o CACD consiste em 3 fases, envolvendo, respectivamente, prova de múltipla escolha, redação e provas dissertativas de disciplinas variadas.

Prova objetiva (TPS)

Tradicionalmente conhecida como Teste de Pré-Seleção (TPS), a prova objetiva de múltipla escolha funciona, na lógica do processo seletivo, como uma espécie de peneira cujo objetivo é filtrar dentro do universo de cerca de 5000 candidatos inscritos, os 300 candidatos que passarão para as fases discursivas do CACD (16 candidatos por vaga).

Segundo o formato da prova de 2017, são 73 questões no total, para escolher entre certo e errado. Uma questão errada anula uma questão certa, de modo que é recomendado critério e estratégia para se tomar a decisão sobre que itens "chutar" ou deixar em branco. As 73 questões da prova de 2017 foram distribuídas da seguinte maneira:

Prova da manhã :
Língua Portuguesa – 10 questões;
Política Internacional – 12 questões;
Geografia – 6 questões.

Prova da tarde:
Língua Inglesa – 9 questões;
História do Brasil – 11 questões;
História Mundial – 11 questões;
Noções de Direito e Direito Internacional Público – 6 questões;
Noções de Economia – 8 questões.

Em 2017, pela primeira vez na história do CACD, foi possível traçar um retrato preciso do desempenho do candidato aprovado na prova objetiva.

O projeto Depois da Prova, do Clipping CACD, usou cruzamento de dados para descobrir qual nota média dos candidatos (em 2017, foi 48,40, sendo que a nota de corte foi 44,25), qual a média geral dos aprovados em cada matéria, e diversos outros insights.

É possível conferir mais informações sobre o desempenho médio necessário para aprovação na prova objetiva no infográfico sobre o Raio X do CACD 2017.

A segunda fase do CACD

A partir da segunda fase, o CACD adota o modelo de questões dissertativas – ou seja, perguntas abertas para as quais o candidato deve escrever uma resposta.

Essa fase é composta de duas partes, uma em português e outra em inglês. Ou seja, a proposta aqui é avaliar línguas. Atualmente, são divididas da seguinte maneira:

Prova de Língua Portuguesa (duração de 5 horas):
- Redação sobre tema geral, com extensão de 600 a 650 palavras, no valor de 60,00 pontos;
- Dois exercícios de interpretação, de análise ou de comentário de textos, com extensão de 120 a 150 palavras, cada, no valor de 20,00 pontos, cada.

Prova de Língua Inglesa (duração de 5 horas):
- Redação sobre tema geral, com extensão de 400 a 450 palavras, no valor de 50,00 pontos;
- Tradução de um texto do inglês para o português, no valor de 20,00 pontos;
- Versão de um texto do português para o inglês, no valor de 15,00 pontos;
- Elaboração de um resumo, em inglês, a partir de um texto escrito em Língua Inglesa, no valor de 15,00.

É importante saber que os critérios de correção destas provas são bastante peculiares quando comparados a outras avaliações discursivas, como vestibulares ou demais concursos públicos. Para entender melhor os detalhes dessa etapa, você pode conferir esse post do CADC.

A terceira fase do CACD

A terceira fase segue o modelo de questões dissertativas, agora sobre as demais disciplinas.

Nessa fase, o candidato enfrentará questões das seguintes matérias: Geografia, História do Brasil, Língua Espanhola, Língua Francesa, Noções de Direito e Direito Internacional Público, Noções de Economia e Política Internacional.

Embora haja um peso considerável de questões de História Mundial na primeira fase, a terceira fase não cobra provas dessa matéria.

As provas de terceira fase têm duração de 4 horas cada, e são realizadas dividindo-se duas matérias a cada dia prova, para que se faça uma prova durante a manhã e outra à tarde. As provas são divididas da seguinte maneira:

Política Internacional:
- Duas questões discursivas com extensão máxima de 90 linhas e valor de 30,00 pontos, cada;
- Duas questões discursivas com extensão máxima de 60 linhas e valor de 20,00 pontos, cada.

História do Brasil:
- Duas questões discursivas com extensão máxima de 90 linhas e valor de 30,00 pontos, cada;
- Duas questões discursivas com extensão máxima de 60 linhas e valor de 20,00 pontos, cada.

Geografia:
- Duas questões discursivas com extensão máxima de 60 linhas e valor de 30,00 pontos, cada;
- Duas questões discursivas com extensão máxima de 40 linhas e valor de 20,00 pontos, cada.

Noções de Economia:
- Duas questões discursivas com extensão máxima de 60 linhas e valor de 30,00 pontos, cada;
- Duas questões discursivas com extensão máxima de 40 linhas e valor de 20,00 pontos, cada.

Noções de Direito e Direito Internacional Público:
- Duas questões discursivas com extensão máxima de 60 linhas e valor de 30,00 pontos, cada;
- Duas questões discursivas com extensão máxima de 40 linhas e valor de 20,00 pontos, cada.

Língua Espanhola e Língua Francesa:

Língua Espanhola: elaboração de resumo, em espanhol, a partir de texto escrito em Língua Espanhola e de versão de um texto do português para o espanhol, com valor de 25,00 pontos, cada.

Língua Francesa: elaboração de resumo, em francês, a partir de texto escrito em Língua Francesa e de versão de um texto do português para o francês, com valor de 25,00 pontos, cada.

Para entender melhor o tipo de resposta esperado pela banca nas provas discursiva, você pode consultar os Guias de Estudo elaborados pelo próprio Instituto Rio Branco e que reúnem respostas modelo dos candidatos em provas anteriores. Neste link, você encontra online (e gratuitamente) todos os Guias de Estudo do CACD desde 1951.



COMO ESTUDAR PARA O CACD?

Algumas dicas sobre como começar a preparação para o CACD.

A preparação para enfrentar o CACD é uma preparação de longo prazo. É preciso organização, rotina, disciplina, esforço e, sobretudo, paciência.

Até 2012, havia mais de 100 vagas no CACD. Com o passar dos anos, as vagas para a carreira diminuíram, o que começou a exigir um preparo mais especializado e aprofundado dos candidatos.

Existem várias opções para quem quer começar a estudar para a carreira diplomática, desde cursinhos especializados até o estudo por conta própria, passando também por coaches e professores particulares.

O mais importante é encontrar o método mais adequado ao estilo de estudo do candidato e que também se encaixe em seu orçamento.

No fim, existe um ponto em comum entre todos esses métodos: a carga de estudos é elevada e demanda muita organização e disciplina.

É preciso levar em consideração alguns detalhes com relação ao planejamento dos estudos:

Estimar horas disponíveis

Tempo é um recurso limitado e isso é um dos primeiros aspectos a ser levado em conta pelos candidatos. Antes de começar, é importante saber quantas horas você vai conseguir alocar para os estudos, mas também para o lazer, trabalho, família, etc. Organizando o seu tempo, fica mais fácil bolar um cronograma realista.

Veja um modelo de planejador de estudos específico para o CACD aqui

Acompanhar constante atualidades

Mesmo bem antes de começar a preparação propriamente dita, o candidato tem que ter (ou adquirir!) o hábito de acompanhar acontecimentos mais relevantes na política interna e, sobretudo, a evolução de questões internacionais.

Em grande medida, o CACD é uma prova de atualidades. São cobradas atualidades na prova de Política Internacional, mas também na de Economia, Geografia e até na de Direito Internacional.

O estudo de atualidades, porém, é desafiador. Em virtude da evolução dos fatos e a sobreposição de acontecimentos, não é algo que se possa fazer eficientemente por meio de livros ou mesmo de aulas. É importante ler jornais e sites de notícias diariamente e buscar se aprofundar nas questões mais complexas.

Veja depoimento de aprovada no concurso sobre o desafio de estudar atualidades aqui

Veja um exemplo de resumo de atualidades aqui

Usar a seu favor o peso diferente das matérias

As matérias para o CACD têm um peso diferenciado. Geografia, por exemplo, conta com poucas questões na primeira fase, mas tem um peso idêntico às demais matérias de terceira fase. Por sua vez, História Mundial tem um peso expressivo na primeira fase, mas não é uma matéria cobrada nas demais fases do concurso.

Esses são alguns exemplos de como o peso a ser dado a cada matéria de ser um elemento a ser considerado pelo candidato iniciante que está decidindo onde focar seus estudos.

Veja um infográfico com em detalhes o peso de cada matéria na nota final dos aprovados no CACD aqui

Consultar a bibliografia indicada para o CACD

Não existe uma bibliografia oficial recomendada pelo Edital do CACD. Mas existe, no entanto, uma seleção informal de textos e capítulos de certas obras que devem ser usados pelos candidatos na hora de estudar.

Um erro comum dos candidatos iniciantes é iniciar a leitura de livros clássicos na íntegra, mas cuja utilidade prática para a prova é pouco clara. Mais importante do que sair lendo tudo que se vê pela frente é ter essa orientação do que deve ser lido para cobrir cada ponto ponto do Edital de forma completa.

Além de saber o que ler, é importante saber como ler os textos indicados. Ao longo da leitura é importante se ater para o que realmente importa e fazer fichamentos desses tópicos mais relevantes. Isso ajuda muito para futuras revisões.

Veja um exemplo de bibliografia indicada para o CACD aqui.

Conhecer profundamente a banca

Conhecer a matéria não significa conhecer como a matéria será cobrada na prova. Muitos candidatos preocupam-se excessivamente com o conteúdo em si, e esquecem de se concentrar em como o conteúdo é cobrado na prova.

Existe um posicionamento da banca CESPE em diversos temas (o chamado "direito cespiano"), ou seja, nem sempre o que foi aprendido em um curso ou em uma leitura será cobrado daquela maneira. A banca CESPE um posicionamento formado e objetivo sobre diversos temas, e é preciso conhecê-los. Isso pode ser feito por meio de leituras específicas.

Veja uma análise da banca de História do CACD aqui

Conferir a resolução de questões antigas

Na mesma linha do que explicamos no item anterior, observar a resolução de questões ajuda a entender a posição da banca e o que ela espera das respostas. É importante treinar com questões antigas como em qualquer concurso ou vestibular.

Veja a resolução de provas antigas do CACD aqui

Após um bom cronograma, formulado com paciência, o candidato possui a seu dispor diversas fontes de conhecimento, como, por exemplo: o próprio site do Ministério das Relações Exteriores (MRE), as publicações da Fundação Alexandre de Gusmão, jornais e sites de notícias, e também blogs especializados como o Blog do Clipping CACD.



O QUE SE ESTUDA NO INSTITUTO RIO BRANCO?

Após a aprovação, entenda como é o curso de formação de diplomatas do IRBr

Após a aprovação no CACD, o candidato ingressa no cargo de Terceiro Secretário, e, a partir daí, ascenderá na carreira em uma ordem definida: Segundo Secretário, Primeiro Secretário, Conselheiro, Ministro de Segunda Classe e, por fim, Ministro de Primeira Classe (ou Embaixador). Existe ainda o cargo de liderança do órgão, o de Ministro das Relações Exteriores, mas que é por indicação presidencial.

Como Terceiro Secretário, o aprovado realizará o Curso de Formação do Instituto Rio Branco, com duração de 3 a 4 semestres, destinado a capacitar os recém-ingressos por meio de “atividades indispensáveis à formação e ao aperfeiçoamento do funcionário nomeado, à luz das necessidades da carreira diplomática’ e de estágios no exterior e na Secretaria de Estado das Relações Exteriores”.

Em outras palavras, a carreira em si começa com um curso preparatório de cerca dois anos antes da atuação prática em si.

O Curso é dividido em disciplinas obrigatórias e em disciplinas eletivas, além de contar com "módulos profissionalizantes", ou seja, palestras sobre variados temas de política externa brasileira.

Segundo o próprio Instituto Rio Branco, matérias como História do Brasil, Política Internacional, Direito Internacional e Economia são retomadas pelo Terceiro Secretário ao iniciar o curso, de modo a aprofundar seus conhecimentos.

Além de retomar o estudo das três línguas exigidas, obrigatoriamente, pelo CACD (inglês, francês e espanhol), o curso também oferece como disciplinas eletivas as línguas árabe, chinês e russo. A título de exemplo, as disciplinas cursadas pela turma de 2014 – 2015, divulgadas no anuário do Instituto Rio Branco, foram, além das línguas:

- **Desenvolvimento Sustentável;**
- **Diplomacia e Promoção Comercial;**
- **Diplomacia Econômica;**
- **Direito da Integração;**
- **Direitos Humanos e Temas Sociais;**
- **Linguagem Diplomática;**
- **Organização e Métodos de Trabalho do MRE;**
- **Organizações Políticas Internacionais;**
- **Planejamento Diplomático;**
- **Política Internacional e Política Externa Brasileira;**
- **Teoria Geral do Estado.**

Uma inovação importante e recente são as viagens de estudo realizadas esporadicamente e que, segundo o embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa, permitem ao Terceiro Secretário contato com membros do Governo, do setor privado, de ONGs e do mundo político.

Outro ponto relevante é a possibilidade de premiação dos melhores colocados tanto no CACD quanto no Curso de Formação com bolsas de estudo para cursos de curta duração no exterior.

Após o curso, a primeira promoção (de Terceiro Secretário para Segundo Secretário) é automática. As demais promoções dependem de tempo de serviço no exterior, tempo de serviço efetivo e, também, da conclusão de cursos especiais.

O Instituto Rio Branco oferece o Curso de Aperfeiçoamento de Diplomatas (CAD), exigido para a promoção a Primeiro Secretário, e o Curso de Altos Estudos (CAE), para ser promovido a Ministro de Segunda Classe.



QUAIS SÃO OS DESAFIOS DO INÍCIO DA CARREIRA?

Após três anos de tentativas, Jônathas Silveira foi aprovado no CACD em 2016. Hoje no curso de formação, ele fala sobre os desafios da preparação e o dia a dia em Brasília.

Quando Jônathas Silveira passou em 22° lugar no CACD (exame que dá acesso à carreira diplomática no Itamaraty) em 2016, os moradores de Macau, uma cidade de 27 mil habitantes no Rio Grande do Norte, comemoraram junto. Sabiam dos três anos de esforço que ele tinha investido no concurso, que chegaram a incluir jornadas de estudo de dez horas por dia.

O jovem havia saído de lá nove anos antes para estudar Direito na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, onde se formou em 2013. Conheceu a carreira diplomática por acaso, num intercâmbio de três meses para estudar inglês na Inglaterra.

Durante um debate com colegas de outros países, ele se incomodou com as piadas e críticas sobre o Brasil e o Nordeste, sem base na realidade. Pediu a palavra e começou a apresentar um pouco da história nacional e da região.

No fim da aula, um colega suíço se aproximou e disse que ele deveria ser diplomata. A ideia vingou. Quando voltou para Natal, em 2009, Jônathas começou a pesquisar aquela possibilidade.

A carreira cumpria dois de seus requisitos básicos: trabalhar com outros idiomas e ser um serviço público, algo que o inspirava desde criança. "*Minha mãe é técnica previdenciária e, desde pequeno, eu me admirava com seu amor em servir os segurados do INSS. Seu trabalho sempre foi motivo de orgulho para mim.*"

Com o Itamaraty firme no horizonte profissional, Jônathas empregou uma abordagem realista: sabia que o desafio era enorme e que teria dificuldade em utilizar cursos preparatórios, que ficavam em outras capitais e custavam caro para um professor de inglês como ele.

O jeito que encontrou foi pesquisar a bibliografia exigida e, aos poucos, montar sua própria biblioteca. Mas ele sabia que não seria suficiente para vencer a concorrência: não passou da primeira fase em sua primeira tentativa, em 2014. Ao mesmo tempo, precisava se manter.

No ano seguinte, decidiu deixar a diplomacia de lado por um tempo e prestar também outros concursos públicos. Logo ficou entre os dez primeiros colocados em um concurso do Tribunal de Contas do Estado do Ceará. Para sua surpresa, passou também na primeira fase do CACD.

"*Minha família foi muito importante nessa época: meus pais e meu tio me ajudaram a pagar os cursos de segunda e terceira fase e me apoiaram durante todo o processo*", fala Jônathas, que chegou à etapa final naquela vez. "*Embora eu não tenha sido aprovado, meu desempenho me motivou a voltar a sonhar com a carreira de diplomata.*"

No ano seguinte, endividado com cursos preparatórios e sem perspectiva de ser convocado pelo órgão cearense em que tinha passado, decidiu tentar o CACD de novo.

Ganhou bolsas para cursinhos e compartilhou material com amigos. Em dezembro de 2016, finalmente viu seu nome na lista.

Hoje no segundo semestre do curso de formação do Instituto Rio Branco, em Brasília, ele estuda com uma turma diversa em tempo integral, de segunda à sexta-feira. Além das aulas de inglês, francês e espanhol diplomáticos, também estuda árabe instrumental. Ao todo, a rotina puxada inclui 14 disciplinas.

Jônathas não reclama. "*O curso é um importante rito de passagem para que nos adaptemos à vida de diplomata. Além de podermos estreitar laços com colegas que estão começando a carreira, também podemos conviver com diplomatas mais antigos, uma vez que boa parte da equipe de professores é composta por colegas com vasta experiência no Itamaraty.*"

De vez em quando, entre uma aula e outra, os novos diplomatas participam de atividades práticas. Em julho de 2017, por exemplo, estiveram na XII Reunião Ordinária do Conselho de Ministros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Jônathas integrou a equipe responsável pelas chegadas e partidas das delegações. "*Nossa função era receber os chefes de delegação e cuidar de todos os trâmites diplomáticos que facilitam a chegada de autoridades diplomáticas estrangeiras, conforme a Convenção de Viena sobre Relações Diplomáticas de 1961*", explica.

Outro ponto que destaca no curso é um novo programa de *coaching*, em que cada diplomata em formação tem um diplomata experiente como mentor. "*Eu já tive a oportunidade de conhecer meu mentor e ter uma conversa muito produtiva e motivadora. Acredito que ainda tenho muito a aprender com ele*", empolga-se.

Hoje, oito anos depois daquela sugestão inusitada em uma aula na Inglaterra, Jônathas sonha em representar o Brasil na Organização Mundial do Comércio. Aos jovens que pensam em seguir seus passos, ele recomenda foco, disciplina, paciência e proatividade.

"A aprovação no concurso deve ser vista como um projeto de longo prazo", aconselha. "*Evite a ansiedade de querer passar logo – isso provavelmente não vai acontecer. E também não espere até que melhores condições apareçam. Comece onde você está, com o que você tem.*"



COMO É O DIA A DIA DE UM DIPLOMATA?

Aprovado em 2014, Victor Toniolo compartilha suas experiências e opiniões sobre a carreira e o futuro do Brasil no cenário diplomático internacional.

De maneira naturalmente diplomática, em um português impecável e tom agradável, Victor Toniolo faz a única ressalva de toda a conversa: é preciso deixar claro que tudo que disser sobre a carreira de diplomata é sua opinião pessoal e não reflete a opinião do Ministério da Relações Exteriores (MRE).

Atualmente Terceiro-Secretário do MRE na Divisão da Ásia Central e Meridional, na capital, ele teve contato com a profissão aos 10 anos, quando viu um diplomata pela primeira vez. "*Já tinha uma certa visão incipiente da carreira: aquela de um servidor público diferenciado, uma pessoa culta e poliglota que tem uma visão abrangente da realidade*", lembra.

Ainda nos tempos de escola, Toniolo trocou Brasília, onde morava, pela Europa. *"A experiência abriu muitíssimo meus horizontes*", fala sobre seus anos no exterior.

Aproveitou a dupla nacionalidade brasileira e italiana para se instalar primeiro em Lisboa e depois em Madri, onde estudou Filosofia na Universidad Complutense de Madrid. De lá, foi trabalhar em Roma a convite de um de seus coordenadores.

De vez em quando, frequentava eventos em consulados e pensava novamente naquela possibilidade quando os diplomatas apareciam. E foi na Itália, onde passou cinco anos, que a ideia enfim amadureceu.

"*Voltei a Brasília decidido a retomar os estudos*", fala. *"E sempre insisto que é um percurso muito desafiador: o concurso não é fácil para ninguém."*

Um dos maiores empecilhos foi se adequar à linguagem diplomática, bastante diferente da abordagem empírica estudada por um filósofo. Foram três tentativas consecutivas antes da aprovação em 2014.

Como todos os candidatos aprovados, em poucas semanas foi empossado na carreira de diplomata na classe de Terceiro-Secretário. A perspectiva atual, de acordo com Toniolo, é que um diplomata permaneça nesse primeiro cargo por cerca de seis anos.

Após passar pelo curso de formação do Instituto Rio Branco, foi alocado na Secretaria de Estado do MRE. De lá, lida constantemente com representantes de outros países e alguns dos 227 postos que o Brasil tem no exterior entre embaixadas, delegações, missões e consulados.

A Divisão da Ásia Central e Meridional, onde ele atua como subchefe, é uma das maiores em termos de abrangência geográfica. São 14 países: Afeganistão, Bangladesh, Butão, Cazaquistão, Índia, Irã, Maldivas, Nepal, Paquistão, Quirguistão, Sri Lanka, Tajiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão.

"Estamos falando do outro lado do mundo e de culturas muito antigas. É um trabalho que demanda muito, mas que é muito gratificante", fala.

Em seu dia a dia, a essência do trabalho diplomático – seja ele em português, inglês, espanhol, francês, italiano ou russo, todos idiomas que Toniolo domina – se faz presente.

"É negociar, representar e informar", fala. *"A primeira coisa que faço é me informar para poder informar outros. Leio as comunicações encaminhadas pelas embaixadas e também a mídia internacional, regional e local. Depois, há o trabalho de preparar informações e discursos para oficiais. E quando há um assunto específico que exige um acordo com a contraparte, há a negociação, que vai de temas como direitos humanos a assuntos consulares."*

Além disso, há o acompanhamento constante das relações bilaterais e o apoio às embaixadas, tanto as representações brasileiras no exterior quanto da Ásia Central e Meridional no país.

Toniolo não esconde que é uma rotina cheia de nuances burocráticos – "*O diplomata não pode esquecer nunca que é um servidor público e há rotinas que são necessárias*", avisa –, mas se entusiasma com as possibilidades que existem para brasileiros na área.

O primeiro destaque é ser um trabalho que rapidamente mostra sua capacidade de impacto social, algo que nem sempre fica claro para quem vê de fora.

"Um acordo de comércio que envolva produtos farmacêuticos – como um remédio que antes não entrava o Brasil ou uma patente de medicamento que é suspensa durante períodos de epidemia – é negociado numa reunião diplomática", exemplifica.

Outro exemplo favorito vem de um colega seu. Instalado em um consulado brasileiro em um país africano, foi ele que lavrou a certidão de nascimento de uma menina, filha de um brasileiro e de uma local, e a tornou uma cidadã do Brasil.

O que mais empolga Toniolo, no entanto, é o potencial de crescimento do país – que já pertence aos blocos BRICS e Mercosul – no cenário internacional.

"*A parte mais gratificante é vermos a maneira como olham o Brasil*", afirma. "*Temos soft power e uma capacidade de articular e ser bem recebido em qualquer país, mesmo aqueles em conflito. Basta andar no carro com as bandeirinhas brasileiras que aquilo se torna uma espécie de salvo-conduto.*"

Num sistema internacional em constante transformação, ser bem visto é uma enorme vantagem – e que tende a crescer. "*Hoje em dia, uma decisão internacional de grande porte já não formula mais um consenso sem participação ativa do Brasil*", finaliza.

Textos
Priscila Bellini
Ana Pinho
Rafael Pinheiro Costa

Edição
Nathalia Bustamante
Rafael Carvalho

Design
Aaron Saiki
Danilo de Paulo
Renata Monteiro

FUNDAÇÃO ESTUDAR, 2017





